

**42672 - A ATENÇÃO A USUÁRIOS DE DROGAS NO ÂMBITO DA CAP-UFRGS**  
**GT Clínica dos Usos de Álcool e Outras Drogas e Questões Adolescentes**  
**Extensionistas: Fernanda Maiato Chagas e Julia Vazquez Ennes**  
**Orientadora: Sandra D. Torossian**

O Grupo de Trabalho Clínica dos Usos de Álcool e Outras Drogas e Questões Adolescentes da Clínica da UFRGS teve início em 2011, propondo uma ampliação dos atendimentos, para suprir uma demanda que não se acolhia até então - pacientes com problemas com drogas. Até então, na cidade, era difícil encontrar um espaço de atendimento que não houvesse a inscrição "Álcool e Drogas (AD)" e que isso não produzisse um efeito nos tratamentos de redução do sujeito em detrimento do consumo de substâncias psicoativas. Posteriormente, através da aproximação com o Programa de Prestação de Serviços à Comunidade (PPSC) surge a necessidade de acolher adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa. Assim, os profissionais da Fundação de Atendimento Socio-Educativo (FASE/RS) começaram a buscar a Clínica como alternativa de atendimento psicológico para os adolescentes.

Atualmente, considerando o contexto de isolamento social, o grupo tem se encontrado virtualmente para discutir medidas para estudar e organizar projetos que possam dar conta do que interessa ao GT realizar, enquanto estratégias de intervenção clínica e na Clínica. Nossas discussões envolvem movimentos e autoras antiproibicionistas, uma visão crítica à Guerra às Drogas, os impactos do narcotráfico e as violências urbanas, encarceramento (em massa da população negra), racismo suas marcas subjetivas, sociais e seus efeitos na clínica dos usos de substâncias psicoativas. Bem como nos espaços coletivos de articulação juvenil, ressignificação e acolhimento de vivências transpassadas por violências.

O quanto essa oferta de escuta tem sido suficiente nos nossos atendimentos é algo que questionamos frequentemente, especialmente em determinados casos em que as condições socioeconômicas, territoriais, raciais e culturais extrapolam a nossa escuta e o nosso alcance de intervenção. O desafio, portanto, é pensar quais espaços alternativos - talvez coletivos - poderiam produzir torção/inflexão nisso que é vivenciado através do corpo e passa pela violência de um sistema fatalmente desigual.